



A luta forçou aos pagamentos em atraso

Vitória da dignidade na PosTejo

Com a força da luta, os trabalhadores da *Postejo*, em Benavente, forçaram a administração a pagar os salários de Dezembro e os subsídios de Natal, após dois dias de greve e a ameaça de outros três.

A confirmação de que a empresa estava a proceder aos pagamentos em atraso chegou ao coordenador do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Cerâmica, Cimentos e Similares do Sul, Augusto Nunes, quando este se despedia da reportagem do *Avante!*, à entrada da fábrica de materiais pré-fabricados de cimento e postes de betão, junto à administração, no dia 19. A reacção não se fez esperar: isto deve-se «exclusivamente à luta determinada e decidida dos trabalhadores».

A história conta-se de uma penada. Sem actualizações salariais nos últimos sete anos e depois de um *lay-off* de três meses, no ano passado, com regresso à actividade no fim da Primavera, assim que constatarem que não tinham recebido os salários de Dezembro, o 13.º mês e o trabalho suplementar de Novembro, os 45 trabalhadores da cimenteira, que tem como cliente principal a *EDP*, cumpriram uma greve, nos dias 9 e 10, que parou por completo a produção, explicou o dirigente sindical e trabalhador da *PosTejo* há 19 anos, Nuno Policarpo.

Com 22 anos de casa, Joaquim Filipe, também representante sindical, recordou como «nos últimos anos começámos a ter problemas», considerando que «a

«Querem impor-nos a escravatura laboral»

administração quer é impor-nos a escravatura laboral», e salientando a importância da unidade dos trabalhadores para o impedir.

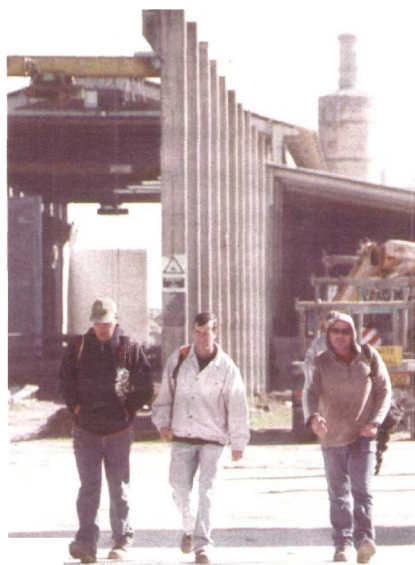
A força da unidade

A greve de dois dias, com «carácter espontâneo», teve lugar depois de esgotadas todas as tentativas de diálogo com a administração, feitas pelo sindicato, e de um abaixo-assinado, recolhido pelos trabalhadores, a exigir a regularização dos pagamentos em falta. A greve, no dia 10, serviu para forçar ao diálogo, explicou o dirigente sindical. «Nesse dia, quando o administrador saiu do escritório, os trabalhadores cercaram-no e exigiram explicações».

A *PosTejo* tem também contrato com uma outra empresa de empreitadas, o que demonstra haver trabalho e falta de mão-de-obra, referiu Nuno Policarpo.

Encomendas não faltam, nem trabalho. «Todos os dias saem camionetas carregadas de material e não faltam clientes», acrescentou, salientando que os traba-

Ao toque da sirene para o almoço, os trabalhadores picaram o ponto e garantiram estar determinados a lutar pelo que é seu



lhadores da empreitada cumpriram, recentemente, horas-extra para satisfazer uma encomenda e foram pagos, ao contrário dos trabalhadores da *PosTejo*, com as horas extraordinárias de Novembro por receber.

Uma semana depois da greve, a administração pagou os subsídios de Natal, mas mantinha-se inamovível quanto aos salários de Dezembro e as horas-extra de Novembro. Entretanto, «o administrador deixou de estar contactável», explicou o representante dos trabalhadores, salientando que esse motivo e a recusa em negociar levaram à marcação

dos três dias de greve, para esta semana.

O sindicato já tinha solicitado a intervenção da Autoridade para as Condições do Trabalho, também porque a empresa não entrega as quotizações sindicais, motivo que levou a estrutura sindical a ponderar avançar com um processo-crime contra a administração, explicou Augusto Nunes, lembrando as várias reuniões de mediação, no Ministério do Trabalho, que «nada contribuíram para resolver a situação». Os representantes do Governo «deram razão ao patrão e não mediará nada», acusou.

Na véspera da reportagem do *Avante!*, o jornal regional *O Mirante* também tinha feito eco desta realidade.

Para 2 de Fevereiro continua agendada uma reunião no Ministério do Trabalho, em Lisboa, onde o sindicato reclamará o pagamento das quotizações sindicais, garantiu Augusto Nunes.